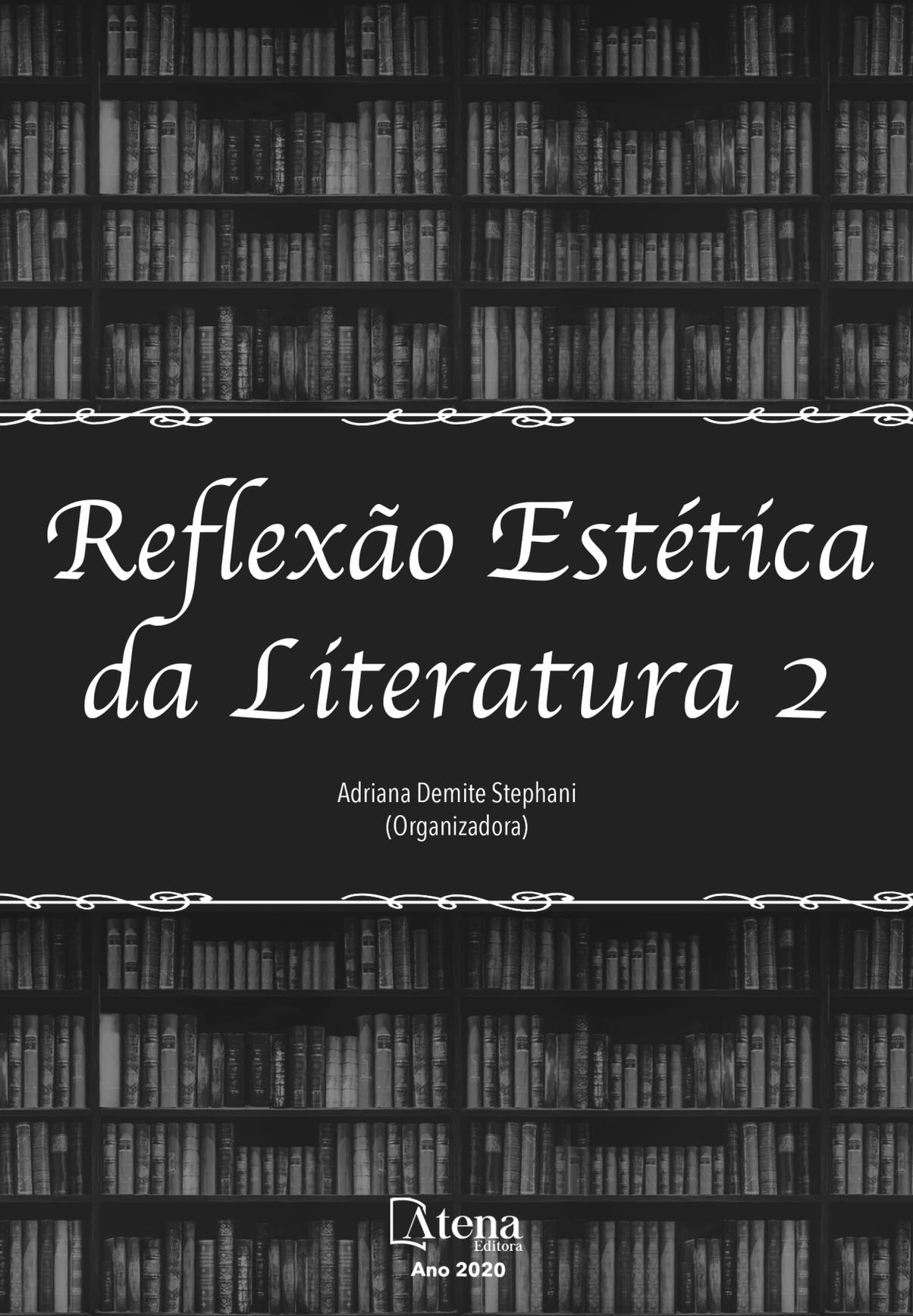


*Reflexão Estética
da Literatura 2*

Adriana Demite Stephani
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020



Reflexão Estética da Literatura 2

Adriana Demite Stephani
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Adriana Demite Stephani

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R332 Reflexão estética da literatura 2 / Organizadora Adriana Demite Stephani. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-489-4

DOI 10.22533/at.ed.894202610

1. Literatura. 2. Estética. I. Stephani, Adriana Demite (Organizadora). II. Título.

CDD 801.93

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

“Reflexão Estética da Literatura 2” intitula a coletânea de 25 artigos que possui a literatura, suas facetas e interseções como mote. A partir de diversas abordagens teóricas, os autores apresentam olhares e discussões sobre a recepção e análise de obras literárias de diferentes gêneros, estilos, épocas, contextos históricos, espaços geográficos e temas.

Nessas análises, somos transportados para o sul do continente africano, suas histórias, imperadores, guerrilhas e cotidiano pelas obras moçambicanas *Neighbours*, escrita por Lília Momplé, *Ualalapi* e *As mulheres do imperador*, de Ungulani Ba Ka Khosa, *Quem manda aqui?*, conto de Paulina Chiziane, pelo livro de poemas *Karingana ua Karingana*, de José Craveirinha e pela obra *Kiriku e a feiticeira*, do animador francês Michel Ocelot.

Espaços, personagens brasileiros, contextos e estruturas narrativas são apresentados nas análises de: *O retrato do rei*, de Ana Miranda, a partir das referências metapicturais do seu contexto narrativo; *Grande sertão: veredas* (1956) e o sentido do envelhecimento de Riobaldo; nas representações do mundo do oprimido e dos mecanismos de opressão nas obras “O louco do Cati” (1984), um romance oral do gaúcho Dyonelio Machado, e, em *Selva Trágica*, de Hernani Donato retratando uma “escravidão” da/pela erva nas primeiras décadas do século XX, no sul do antigo Mato Grosso; a “transculturação narrativa” é analisada em *Terra Papagalli*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta; e, a pluralidade de motivações das quais partiu Lobato para compor “Inquérito sobre o saci” também é exposta.

Os temas suicídio e igreja são abordados na análise comparativa do romance *A viuvinha* (1857), de José de Alencar com o periódico *A Abelha – Verdade e Caridade* (1854), vinculado à Igreja Católica; assim como, analisa-se o discurso crítico antirreligioso católico presente nos esperpentos do autor espanhol Ramón María del Valle-Inclán (1866-1936), escritos entre 1921 e 1927. Representações peculiares e figuração arquetípica do Mal são objetos de análise nas obras *Marked*, de Steve Ross, *Punk Rock Jesus*, de Sean Murphy, e *Fausto: uma tragédia de Goethe*, de Mefistófeles.

Discussões sobre leitura e leitor também compõem esta coletânea com pesquisas sobre o que e como liam os cariocas da segunda metade do século XIX, as contribuições de Antonio Candido para o ensino de poesia, e, a ressocialização de pessoas pelas práticas de leitura.

A poesia igualmente é objeto de estudos dos textos que discutem as metáforas metalinguísticas, o eu-poético, o lugar de onde fala em poemas de Astrid Cabral, Hilda Hilst; como também, há um estudo comparado entre o poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, do poeta brasileiro Manuel Bandeira e o poema “Passaporte para Pasárgada” (1946), do poeta cabo-verdiano Osvaldo de Alcântara. No que se refere aos textos dramáticos, há artigos sobre a dramaturgia comparada no Brasil e a imagética cênica do texto dramático

Teatro Decomposto ou O Homem-Lixo, do romeno Matéi Visniec.

A interseção entre a literatura e o jornalismo é analisada no livro de crônicas *A vida que ninguém vê* (2006) de Eliane Brum, e, as diferenças entre o tratamento da homossexualidade são observadas no romance *Simon vs. a agenda Homo Sapiens* e em sua adaptação cinematográfica, intitulada *Com amor, Simon*. E, fechando essa miscelânea, *Auto-reflexões de um biógrafo acidental* apresenta pesquisas de trajetórias relevantes para a arquitetura e o planejamento urbano na Argentina.

Os artigos proporcionam ao leitor uma imersão nos aspectos da recepção e da teoria literária, assim como viagens por mundos, temas e contextos tão diversos. Boa leitura!

Adriana Demite Stephani

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

“EM CASA DE LEIA E JANUÁRIO”: AFETOS E DESAFETOS NA OBRA LITERÁRIA *NEIGHBOURS* DE LÍLIA MOMPLÉ

Maria Aparecida Nascimento de Almeida

Rosilda Alves Bezerra

Lorraine Sobral Correia de Lucena

DOI 10.22533/at.ed.8942026101

CAPÍTULO 2..... 14

A PROSA MODERNA DE UM CHAMADO JOÃO, UMA DISCUSSÃO QUE NÃO SE ENCERRA

Rosalina Albuquerque Henrique

Sílvio Augusto de Oliveira Holanda

DOI 10.22533/at.ed.8942026102

CAPÍTULO 3..... 20

O PROCESSO INTERMIDIÁTICO EM *O RETRATO DO REI*, DE ANA MIRANDA

Cristina Reis Maia

DOI 10.22533/at.ed.8942026103

CAPÍTULO 4..... 32

AS MARCAS DA OPRESSÃO EM *SELVA TRÁGICA*, DE HERNANI DONATO

Jesuino Arvelino Pinto

João Batista Cardoso

Vera Lúcia da Rocha Maquêa

DOI 10.22533/at.ed.8942026104

CAPÍTULO 5..... 43

POR UMA EPISTEMOLOGIA DO OPRIMIDO: ESTUDO DO ROMANCE *O LOUCO DO CATI* DE DYONÉLIO MACHADO

Nailton Santos de Matos

DOI 10.22533/at.ed.8942026105

CAPÍTULO 6..... 64

A LITERATURA COMO ESTRATÉGIA CONTRADISCURSIVA EM UNGULANI BA KA KHOSA E PAULINA CHIZIANE

Carina Marques Duarte

DOI 10.22533/at.ed.8942026106

CAPÍTULO 7..... 74

O SUICÍDIO NA FICÇÃO E NO PERIÓDICO CATÓLICO: *A VIUVINHA*, DE JOSÉ DE ALENCAR, E *A ABELHA* – VERDADE E CARIDADE

Iza Terezinha Gonçalves Quelhas

DOI 10.22533/at.ed.8942026107

CAPÍTULO 8	86
O DISCURSO VALLE-INCLANIANO ESPERPÊNTICO CONTRA À IGREJA CATÓLICA ESPANHOLA	
Gustavo Rodrigues da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8942026108	
CAPÍTULO 9	95
CAMINHANDO EM DIREÇÃO DO TRANSCULTURALISMO EM TERRA PAPAGALI	
Camila Marcelina Pasqual	
DOI 10.22533/at.ed.8942026109	
CAPÍTULO 10	106
O INQUÉRITO SOBRE O SACI PERERÊ: UM LOBATO MÚLTIPLO	
Amaya Obata Mouriño de Almeida Prado	
DOI 10.22533/at.ed.89420261010	
CAPÍTULO 11	118
ENTRE LIVRO E TELA: A AVENTURA DO HERÓI NA LITERATURA DE RECEPÇÃO INFANTIL	
Maria Zilda da Cunha	
Maria Auxiliadora Fontana Baseio	
DOI 10.22533/at.ed.89420261011	
CAPÍTULO 12	129
LEITURAS E LEITORES NO OITOCENTOS CARIOCA	
Valdiney Valente Lobato de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.89420261012	
CAPÍTULO 13	139
ANTONIO CANDIDO E O ENSINO DE LITERATURA	
Jefferson Silva do Rego	
Larissa Leal Neves	
DOI 10.22533/at.ed.89420261013	
CAPÍTULO 14	147
“VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA” ANUNCIANDO “CÂNTICO DA MANHÃ FUTURA”	
Andréia Maria da Silva	
Marinei Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.89420261014	
CAPÍTULO 15	159
COMUNIDADE DE TERRITÓRIO: A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO NACIONAL NA POESIA DE CRAVEIRINHA	
Vanessa Pincerato Fernandes	
Marinei Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.89420261015	

CAPÍTULO 16	167
ASTRID CABRAL: METÁFORAS DO EU-POÉTICO POETA Carlos Antônio Magalhães Guedelha DOI 10.22533/at.ed.89420261016	
CAPÍTULO 17	185
LÍRICA E INTERLOCUÇÃO EM HILDA HILST Sandra Aparecida Fernandes Lopes Ferrari DOI 10.22533/at.ed.89420261017	
CAPÍTULO 18	196
LEITURAS, LITERATURA E REMIÇÃO DE PENA: POLÍTICA PÚBLICA PARA RESSOCIALIZAÇÃO NAS PRISÕES DO DF Ana Cristina de Castro Robson Coelho Tinoco DOI 10.22533/at.ed.89420261018	
CAPÍTULO 19	206
REFLEXÕES: A DRAMATURGIA COMPARADA NO BRASIL Alexandre Francisco Solano DOI 10.22533/at.ed.89420261019	
CAPÍTULO 20	217
AS POÉTICAS DO (DES)HUMANO E A DECOMPOSIÇÃO DOS IMAGINÁRIOS CONTEMPORÂNEOS NO TEATRO DE MATEI VISNIEC Alexandre Silva Nunes DOI 10.22533/at.ed.89420261020	
CAPÍTULO 21	223
A MODERNIDADE NA POESIA DE BAUDELAIRE SEGUNDO A TEORIA WALTER BENJAMIM Wanice Garcia Barbosa Valéria Maria Barboza Ferro DOI 10.22533/at.ed.89420261021	
CAPÍTULO 22	231
A NOÇÃO DE CREDIBILIDADE EM <i>A VIDA QUE NINGUÉM VÊ</i> DE ELIANE BRUM: UMA INTERSEÇÃO POSSÍVEL ENTRE A LITERATURA E O JORNALISMO Nathália Coelho da Silva DOI 10.22533/at.ed.89420261022	
CAPÍTULO 23	242
SIMON VS. SIMON: INTERTEXTUALIDADE E ADAPTAÇÃO Denise Veras Igor Sampaio DOI 10.22533/at.ed.89420261023	

CAPÍTULO 24	252
REPRESENTAÇÕES DO MAL EM REESCRITAS EVANGÉLICAS DE SEAN MURPHY E STEVE ROSS Delzi Alves Laranjeira DOI 10.22533/at.ed.89420261024	
CAPÍTULO 25	263
MEFISTÓFELES: O MAL COMO NECESSIDADE EXISTENCIAL Jonatas Alexandre Lima de Oliveira DOI 10.22533/at.ed.89420261025	
CAPÍTULO 26	271
OBJETIVANDO SUBJETIVIDADES EN UNAS APROXIMACIONES BIOGRÁFICAS Ana María Rigotti DOI 10.22533/at.ed.89420261026	
SOBRE A ORGANIZADORA	281
ÍNDICE REMISSIVO	282

CAPÍTULO 22

A NOÇÃO DE CREDIBILIDADE EM *A VIDA QUE NINGUÉM VÊ* DE ELIANE BRUM: UMA INTERSEÇÃO POSSÍVEL ENTRE A LITERATURA E O JORNALISMO

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 07/07/2020

Nathália Coelho da Silva

Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Práticas Sociais da Universidade de Brasília (Pós-Lit/UnB) Brasília - DF.
<http://lattes.cnpq.br/3219964563108740>.

RESUMO: Este artigo tem como objetivo refletir sobre a noção de credibilidade no livro de crônicas *A vida que ninguém vê* (2006) de Eliane Brum, a partir dos apontamentos da teoria complexa da Epistemologia do Romance. O trabalho pretende evidenciar como a construção das narrativas é potencializada pelo gesto transgressor da autora de não se conformar com os limites do Jornalismo ao trabalhar uma estética textual mais próxima das técnicas literárias e transformar pessoas reais - não criadas na ficção - em potenciais personagens das suas próprias vidas. Ademais, por meio da narrativa a autora também elabora pensamentos sobre a existência para além das vivências privadas. Nesse sentido, a noção de credibilidade se firma na construção de um narrador filosófico e na reflexão crítica provocada pela amarração do texto, ambos pilares essenciais nos estudos estético-epistemológicos do romance.

PALAVRAS - CHAVE: credibilidade, Epistemologia do Romance, Jornalismo, Literatura, conflitos humanos

THE NOTION OF CREDIBILITY IN ELIANE BRUM'S *A VIDA QUE NINGUÉM VÊ*: A POSSIBLE INTERSECTION BETWEEN LITERATURE AND JOURNALISM

ABSTRACT: This article aims to reflect the notion of credibility in Eliane Brum's chronicles book: *A vida que ninguém vê* (2006), from notes sustained by the complex theory of the Epistemology of Romance. The work intends to show how the construction of the narratives is enhanced by the author's transgressive gesture of not conforming to the limits of Journalism by working a textual aesthetic that is closer to the literary techniques and transforming real people - not created in fiction - into potential characters of their own lives. Furthermore, through the narrative, the author also elaborates thoughts about existence beyond the private experiences. In this sense, the notion of credibility is established in the construction of a philosophical narrator and in the critical reflection caused by the text binding, both essential pillars in the aesthetic-epistemological studies of romance.

KEYWORD: credibility, Epistemology of Romance, Journalism, Literature, human conflicts

1 | INTRODUÇÃO

Epistemologia do Romance é uma teoria complexa de análise e interpretação do objeto de criação artística pautada em três disciplinas da filosofia: a Estética, a Epistemologia e a Hermenêutica. Esta é uma definição básica dada pelas pesquisadoras Ana Paula Aparecida Caixeta e Maria Veralice Barroso em *Verbetes*

da *Epistemologia do Romance* (2019, p. 65). Embora a ER trabalhe com a filosofia, não tem a pretensão de verificar nenhum tipo de verdade, mas de refletir – por meio de gestos filosóficos – acerca da estética enquanto espaço voltado para o entendimento da relação do sujeito com a arte (no caso a literária), a ponto de levar o leitor, chamado de pesquisador, a um gesto epistemológico de extração de possibilidade de conhecimento sobre a existência. (2019, p. 66).

É neste sentido que o livro de crônicas *A vida que ninguém vê* (2006) da jornalista, escritora e documentarista Eliane Brum torna-se um potencial objetivo de estudo para a teoria complexa, visto que os textos ali contidos parecem comunicar saberes existenciais por meio da estética textual, proposta pela autora, que ultrapassa as amarras do discurso jornalístico ao contar, de forma literária, histórias de pessoas comuns – não fontes de notícias, tampouco capa de jornal.

O livro é constituído pela reunião de 23 crônicas-reportagens, selecionadas de 46 colunas publicadas ao longo de onze meses do ano de 1999, sempre aos sábados, pelo Zero Hora, principal jornal do país fora do eixo Rio-São Paulo. A publicação também é vencedora do Prêmio Jabuti de 2007 como o melhor livro de reportagem. Enquanto coluna, *A vida que ninguém vê* ganhou ainda o Prêmio Esso de Jornalismo – Regional Sul de 1999. De acordo com Marcelo Rech, então diretor de redação do periódico, a coluna só acabou porque Eliane recebeu o convite para trabalhar em São Paulo e deixou o jornal. Não havia, segundo o diretor, outro jornalista capaz de escrever como Eliane.

Fenômeno de percepção jornalística, Eliane iluminou o mundo recluso, obscurecido pela emergência da notícia ou pela máxima de que, em jornalismo, a história só existe quando o homem é quem morde o cachorro. A série provou o contrário. **Ao extrair reportagens antológicas de onde outros só enxergariam a mesmice, Eliane deu a zés e marias do sul do Brasil a envergadura de personagens de literatura tolstoiana** e reverteu um dos mais enraigados dogmas da imprensa. (RECH in BRUM, 2006, p.14 grifo nosso)

Este artigo pretende, portanto, investigar a noção de credibilidade de *A vida que ninguém vê* por meio da teoria complexa Epistemologia do Romance refletindo sobre a questão: como as histórias na obra citada podem ser consideradas críveis? Ou seja, como a realidade interna à criação artística se comunica com a realidade externa ao livro? Vale ressaltar, contudo, que a análise parte da perspectiva da ER e não do Jornalismo.¹ É válido ressaltar, neste sentido, que este trabalho não colocará em cheque o compromisso ético jornalístico de Eliane Brum com a história dos seus personagens, mas em *como* ela reconta os fatos, *reinterpretando-os* sob a sua ótica de *sujeito criador*.

O trabalho será dividido em dois momentos: o primeiro de aprofundamento teórico

1 A credibilidade é também uma instância de preocupação do discurso jornalístico. De uma forma geral, diferente do que está sendo proposto neste artigo - análise dos elementos estéticos do texto - a credibilidade recai sobre outros aspectos, como a reputação profissional do jornal e do jornalista, o comprometimento com a verdade dos fatos e o modo como são estruturados na notícia, fontes ouvidas e o cumprimento de técnicas e critérios de noticiabilidade.

sobre a credibilidade na ER, tomando como base a construção estética do narrador filosófico que não apenas narra, mas pensa a história; bem como as reflexões críticas que nascem da narrativa – de um ambiente privado e interno, mas que se potencializam enquanto universais ao tocar questões da condição humana. Ambas situações são estudadas a partir de noções iniciais da ideia hegeliana acerca da *Estética*.

No segundo momento, o texto trará a análise, a partir dos pontos levantados anteriormente, de exemplos extraído de quatro crônicas intituladas como *O colecionador de almas sobradas*, *O cativoiro*, *O conde decaído* e *O gaúcho do cavalo de pau*, numa tentativa do leitor pesquisador deste artigo de perceber e elaborar – por meio do jogo interpretativo – possíveis reflexões sobre a existência. Fique à vontade para explorar.

2 | A CREDIBILIDADE NA EPISTEMOLOGIA DO ROMANCE

Dentro da perspectiva estética da Epistemologia do Romance, dois teóricos são basilares para a compreensão da disciplina: Immanuel Kant (1724 – 1804) e Friedrich Hegel (1770 – 1831). Embora ambos tenham ideias opostas sobre determinados pontos, uma percepção os une no contexto da ER: a “autonomia do sujeito ao entendimento e faculdade das coisas” (CAIXETA, 2019, p. 83) Enquanto Kant vê essa autonomia do sujeito em relação ao objeto, Hegel “percebe tanto o sujeito quanto o objeto como parte constitutiva de um contexto”. Este é um pressuposto importante para a compreensão da arte enquanto passível de conhecimento.

Pensar num objeto livre de uma verdade absoluta de conceitos à priori e no entendimento da sua concepção como um produto histórico abre espaço para a compreensão de que a criação artística está para além do domínio da sensação, sendo um processo complexo e contraditório, dotado de trabalho e que se configura pela totalidade de um sistema. Aos mecanismos deste “todo”, atribui-se, neste contexto, as reflexões em torno da ideia hegeliana de *Gestalt*. “O processo dialético da criação tem em si uma dinâmica própria, explica Hegel, que processualmente é constituída de etapas caracterizadas por elementos de escolha do artista” (HEGEL, 2001 *apud* CAIXETA, 2018, p. 162).

De acordo com Caixeta, enquanto criação humana, a arte precisa de uma sistemática, que é a estética, logo, sensível e racional, necessitando de condições cognoscíveis para se tornar real, concreta e passível de experiência” (2018, p. 162) A *Gestalt*, a grosso modo, não se configuraria apenas como a junção dos elementos de forma e conteúdo, mas como a sistemática funcionando em torno de ambos.

Diferentemente de *Form*, *Gestalt* não envolve um contraste com matéria ou conteúdo. Os objetos que têm uma *Gestalt* (por exemplo, plantas, obras musicais, culturas) são concebidos como unidades orgânicas, somente apreciáveis como um todo, não por consideração distinta das suas partes. (INWOOD, 1997, p. 150 *apud* CAIXETA, 2018, P. 158).

Postas estas premissas, a credibilidade na ER seria, para o criador artístico, o exercício da justaposição – de forma coesa e coerente – dos elementos estéticos que promovem o funcionamento equilibrado do objeto artístico, enquanto espaço de pensamento acerca da condição humana, a partir de um eixo epistemológico racional de criação, marcado por experiências de um espaço-tempo histórico. Para o sujeito que recepiona esta arte e pensa sobre ela, a noção de credibilidade seria extraída enquanto uma espécie de confiança neste sistema complexo, levando em consideração tanto os elementos do todo quanto o contexto inserido. É válido dizer ainda que, na teoria Epistemologia do Romance, é possível pensar a credibilidade em torno do conjunto da obra de um artista bem como na arquitetura de um objeto em si.

Para exemplificar, vale-se do texto romanesco como o objeto de criação. Enquanto arte literária, a *gestalt* de um romance seria compreendida a partir do funcionamento reflexivo dos elementos estéticos que o compõem, como narradores, personagens, trama, intertextualidade, inserção de unidades da realidade externa na ficção entre outros. No ato do jogo interpretativo, o crível estaria na intencionalidade do autor de pensar o mecanismo deste universo interno da narrativa, e do leitor de captar as possibilidades desta intencionalidade dentro do escopo das reflexões acerca da existência suscitadas da leitura-pesquisa. Neste sentido, a credibilidade está diretamente ligada à *gestalt* do texto, mas também à relação deste com a sua realidade de criação bem como o seu potencial de pensar – na estética – acerca desta realidade.

Ainda que não haja uma formulação oficial do conceito na teoria complexa da Epistemologia do Romance, acostumou-se falar sobre a noção credibilidade nas aulas ministradas pelo prof. Wilton Barroso Filho. O termo “crível” aparece pela primeira vez no texto *Elementos para uma Epistemologia do Romance*², publicado pela primeira vez em 2003 e em 2018 no livro *Estudos epistemológicos do romance*. Barroso Filho afirma, com base na leitura da trilogia de romances *Os sonâmbulos* de Hermann Broch, que um texto pode ser considerado crível “tanto pela onipresença do narrador, o que garante a confiabilidade da existência do fato narrado, quanto pela sua reflexão crítica, pelo recurso à Filosofia e à Sociologia” (2018, p. 29).

O teórico também reforça estes dois aspectos (narrador e reflexão crítica) sobre os estudos da obra de Milan Kundera. No artigo intitulado *A voz filosófica do narrador kunderiano*³ (2008), Barroso Filho diz que o escritor “se afirma no interior do romance através da sua voz narrativa e do eco do seu pensamento tomando os devidos cuidados no sentido de não invadir a autonomia do romance, tampouco alterar a realidade interna”.

2 *Elementos para uma Epistemologia do Romance* é considerado o artigo – pedra fundamental da teoria complexa, ainda em desenvolvimento pelo grupo de pesquisa homônimo. A autoria é do prof. fundador da ER, Wilton Barroso Filho, falecido em maio de 2019. O legado – grupo, trabalhos defendidos e publicados e eventos – é continuado pelos pesquisadores liderados agora pela prof. Dra. Ana Paula Aparecida Caixeta.

3 BARROSO, W.B. *A voz filosófica do narrador kunderiano* in Anais XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências. São Paulo. 2008. Disponível em: http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/049/WILTON_FILHO.pdf Acesso 16/12/2019

Assim, o narrador “provoca um processo reflexivo sobre o realismo do romance, dando credibilidade existencial aos personagens”.

Já em *Elementos de intertextualidade na prosa ficcional de Glauco Mattoso*⁴, Barroso Filho e Caixeta analisam a ideia de intertextualidade como característica do crível no autor em questão.

A obra desse autor é uma amostra de uma luta entre “verdade” (externa ao texto) e ficção, pois está diretamente ligada a um discurso confessional que a conduz à representação de realidade. Nesse jogo, o autor manipula, por meio da intertextualidade, uma linguagem com caráter justificativo, buscando credibilidade constante naquilo que narra, em prol de sua existência, ou seja, a personificação e credibilização do heterônimo Glauco Mattoso (BARROSO FILHO e CAIXETA, 2013)

Dos elementos citados acima, um deles ganha destaque: o narrador. Na ER, costumou-se chamá-lo de narrador filosófico, aquele que “além de narrar, pensa sobre a história narrada e tece comentários sobre os personagens, levando o leitor a refletir também”. É ele quem “conduz o gesto filosófico, que é a inquietação, o incômodo com as perguntas, a indagação, o desmonte de certezas” (OLIVEIRA, 2019, p. 137). É também do narrador a função de amarrar as arestas da história, ainda que, intencionalmente, estas se configurem soltas. Na ER não importa categorização de narradores como ocorre na teoria literária, portanto, o modo como ele se configura é importante para a sustentação do gesto filosófico em torno da narrativa.

Valendo-se destas considerações e do fato de que a noção de credibilidade ainda está em construção, bem como a própria teoria complexa ER, passa-se agora à análise do objeto de estudo deste artigo, o livro de crônicas *A vida que ninguém vê* numa tentativa de compreender como a escrita dos textos de Eliane Brum torna-se crível para o leitor enquanto espaço de conhecimento sobre o humano, para além da notícia de jornal. Em função do tamanho do trabalho, a análise a seguir será pormenorizada com foco narrativo e no potencial reflexivo dos textos e não apenas informativo como é o caráter geral dos produtos jornalísticos.

3 | A VIDA QUE NINGUÉM VÊ É CRÍVEL?

Antes de ser considerado pelo seu valor estético literário na Epistemologia do Romance enquanto espaço possibilitador de conhecimento, o livro de crônicas-reportagem *A vida que ninguém vê* tem uma origem discursiva que é jornalística. Desta maneira, faz-se importante compreender o objeto de pesquisa a partir do seu lugar. No campo teórico acadêmico da Comunicação e do Jornalismo, há uma vasta discussão acerca do que pode ser considerado Jornalismo Literário.

4 BARROSO, W. B. e CAIXETA, A. P. A. *Elementos de intertextualidade na prosa ficcional de Glauco Mattoso* in Revista Científica Esferas, Universidade Católica de Brasília. Brasília. 2013. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/4001/3004> Acesso 16/12/2019

Em seu livro *Jornalismo Literário* (2011), Felipe Pena afirma que o termo dá margem para diversas interpretações e que por mais tentativas tenham tido os teóricos acerca da expressão, o importante está em considerá-lo enquanto um gênero híbrido específico, cujo o princípio básico é “o da transformação e da transitoriedade, conceituado por aproximações e identificado por momentos históricos” (2011, p. 20). Pena explica que no Brasil o termo é classificado de diferentes maneiras.

Para alguns autores, trata-se simplesmente do período da história do Jornalismo em que os escritores assumiram as funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins, mais especificamente no século XIX. Para outros, refere-se à crítica de obras literárias veiculadas em jornais. Há ainda os que identificam o conceito com o movimento conhecido como *New Journalism*, iniciado nas redações americanas da década de 1960. E também os que incluem as biografias, os romance-reportagens e a ficção-jornalística. (PENA, 2011, p. 21)

O que interessa a este artigo é a ficção-jornalística. “Não se trata da dicotomia ficção ou realidade, mas sim de uma verossimilhança⁵ possível”, afirma Pena (2011, p. 2011). De acordo com ele, a “ficção-jornalística não tem compromisso com a realidade, apenas a explora como suporte para a sua narrativa, diferentemente do romance-reportagem, cujo objetivo essencial é a reconstrução fiel dos acontecimentos” (2011, p. 114). Pena ainda explica que o jornalista que se envereda para este caminho conhece os limites da reportagem, já trabalharam na imprensa em outros momentos e se ateram aos fatos das coisas de forma concisa e objetiva. “O que os levou a escrever ficção foi exatamente a vontade de romper esse compromisso, sem, entretanto, deixar de usar os instrumentos do jornalismo” (2011, p. 115). Reitera:

Fazer Jornalismo Literário é potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar peixe na feira. (PENA, 2011, p.13)

A transformação das colunas em livro é a primeira evidência da profundidade dos textos, com reflexões atemporais que ultrapassam as páginas de um periódico e permanecem reverberando. Também, a própria Eliane Brum diz que “sempre se interessou

5 De modo geral, verossimilhança é um termo usado na teoria literária atribuído como a qualidade daquilo que é verossímil, um conceito trabalhado desde à Poética de Aristóteles e também um arcabouço complexo de entendimento. Em *Literatura e Semiologia* (1972), Gerard Genette diz que “o assunto do teatro – e, extensivamente, de toda ficção – não é nem o verdadeiro e nem o possível, mas o verossímil: tende-se, porém, a identificar cada vez mais nitidamente o verossímil como o devendo-ser” (1972, p. 09) Neste sentido, os estudos em torno da verossimilhança não ultrapassam, no geral, a recepção, o leitor. A noção de credibilidade na Epistemologia do Romance se diferencia de verossimilhança ao compreender, em si, a coesão e coerência de uma possibilidade de “verdade estética” interna, que se constrói pelo esforço reflexivo sensível-racional do autor bem como interpretativo do leitor, no jogo hermenêutico que, necessariamente, precisa envolver a tríade: autor – obra – leitor.

mais pelo cachorro que morde o homem do que pelo homem que morde o cachorro (...). O que esse olhar desvela é que o ordinário da vida é extraordinário e a rotina encobre essa verdade” (2006, p. 187).

Deste modo, a autora opta por utilizar uma estética textual capaz de abarcar o que ela denomina da missão de contar “dramas anônimos como épicos que são, como se cada Zé fosse um Ulisses, não por favor ou exercício da escrita, mas porque cada Zé é um Ulisses. E cada vida uma pequena *Odisseia*” (2006, p. 187). Embora, Brum utilize-se da metáfora do herói de Homero para fazer alusão aos seus personagens da vida real, em nenhum momento apresenta em seus textos, a pretensão de apagar ou dissociar o humano da figura do herói, nem tampouco excluir conflitos, tornando-o a imagem do sujeito épico rígida em termos de perfeição e coragem, com prontidão de respostas e feitos esplêndidos. Ao contrário, Brum evidencia a fragilidade existencial, a finitude imposta pela morte e os vazios e desenganos possíveis da vida. Neste sentido, compreende-se que a fala da autora quer, mais do que definir ou caracterizar seu herói, atribuir à narrativa do cotidiano, do simples, do comum, um caráter de importância literária.

A crônica *O colecionador de almas sobradas* pode exemplificar a diferença estética de Brum e de uma matéria jornalística tradicional. Basicamente, o texto conta a história de Oscar Kulemkamp, um acumulador. O homem transformou a sua casa em um espaço de coisas antigas, que foi adquirindo e juntando ao longo do tempo. No jornalismo convencional, acumuladores viram notícias quando uma operação motivada pela Vigilância Sanitária é realizada, ou quando moradores denunciam o “problema”. Observe essa matéria do dia 11 de setembro de 2014, publicada pelo site *Bem Paraná* com o título *Acumuladores viram problema de saúde pública em Curitiba*:

Uma doença que muitas vezes passa despercebida é hoje um dos grandes problemas de Curitiba. Segundo levantamento inédito feito pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMMA) a Síndrome de Diógenes, também conhecida como Acumulação Compulsiva, afeta aproximadamente uma em cada 10 mil pessoas que vivem em Curitiba. A síndrome, inclusive, faz parte do Manual de Diagnóstico e Estatística de Desordens Mentais (DSM-5) desde o ano passado, sendo classificada como um tipo de transtorno obsessivo compulsivo (TOC). A Prefeitura de Curitiba tem registrado 195 acumuladores — pessoas que guardam grande quantidade de objetos sem valor ou mantêm muitos animais domésticos em condições inadequadas. (Kowalski, Rodolfo Luiz *Acumuladores viram problema de saúde pública em Curitiba*⁶)

Agora, um trecho da crônica de Eliane Brum, sobre o mesmo tema:

Oscar Kulemkamp apropriou-se dessas vidas jogadas fora. E salvou-as do aterro sanitário do esquecimento. Foi assim que o chalé de madeira onde criou os sete filhos se transformou numa toca. Retalhos da existência foram tomando conta das peças da casa. Quando o interior ficou abarrotado, começou a ocupar o quintal, o corredor, os fundos. Quando todos os espaços

6 Disponível em <http://www.bemparana.com.br/noticia/347073/acumuladores-viram-problema-de-saude-publica-em-curitiba> Acesso 7 de dezembro de 2014

foram preenchidos, passou a pendurar nos galhos dos cinamomos, dos abacateiros. O casulo de Oscar Kulemkamp não parou mais de crescer. Agora as janelas já estão cobertas de obsolescências e ele só penetra na casa esgueirando-se por um túnel de restos. (...) Oscar Kulemkamp teceu sua colcha de retalhos com a vida dos outros. Como refugio da vida dos outros. (BRUM, 2006, p. 48-49)

Brum conta a história de Kulemkamp não para evidenciar uma “possível” doença, nem para suscitar visita de órgãos competentes, nem para apontar que o homem precisa de acompanhamento psicológico ou que a casa se tornou lugar de acúmulo de lixo. A narração não busca preencher lacunas, dar respostas, dados técnicos mastigados. É o oposto. A estrutura do narrador permite que fatos e acontecimentos sejam contados e ao mesmo tempo amarrados, por meio da interpretação narrativa, a significações profundas da existência humana. Assim, a autora parece criar, neste texto em específico, um ambiente propício para a reflexão da utilidade das coisas e das próprias pessoas, subvertendo e ampliando o conceito social de valor.

Já na crônica intitulada como *O cativo*, Brum estabelece com o leitor um jogo de leitura ao convidá-lo para uma visita transgressora ao zoológico e já sinaliza, intencionalmente, o caminho de avessos que irá percorrer. “Há duas maneiras de se visitar o zoológico: com ou sem inocência. A primeira é a mais fácil e a única com satisfação garantida. A outra pode ser uma jornada sombria para dentro do espelho. Sem glamour e também sem volta” (2006, p. 54). Também nesta crônica começa por meio da efemeridade de uma notinha: um macaco fugiu da cela e foi tomar cerveja no bar do estabelecimento, para então aprofundar. “O macaco tinha virado homem. (...) o aterrador é que, como o homem, o macaco virou as costas para a liberdade e foi ao bar beber uma” (2006, p. 54). Neste exemplo, a autora cria espaços para a reflexão sobre a pretensa e pseudo-ideia de liberdade propagada pela sociedade contemporânea e ainda evidencia como a notícia jornalística se limita a função informativa.

Ao promover um olhar atento à situação dos animais em cada cela, aproxima suas reflexões críticas ao modo de vida institucionalizado do homem e aos paradoxos em torno da ideia de liberdade humana e os conflitos em torno dela e o modo como a sociedade encontrou de silenciá-los.

O babuíno sagrado tem um nome comum. Beto. À espreita, lá onde os olhos se misturam com a mente, há o mais perigoso tipo de fúria. O da **impotência**. (...) Os tigres-de-bengala são os reis da fantasia. Têm voz, possuem músculos, são magníficos. Mas nascidos em cativo já chegaram ao mundo **sem essência**. (...) A ursa-de-óculos é chamada de Peposa. Como se brinquedo fosse. O filho se chama Rayban, também muito engraçadinho. Quando nasceu Rayban, ela já fez o que as mães costumam fazer: ensinou a ele a arte da **resignação**. A revelação dessa visita subversiva ao zoológico é que, no cativo, os animais se humanizam. O cárcere lhes arranca a vida, o desejo, e a busca. E mais e mais vão parecendo com os **homens que os procuram na certeza de um alibi**. Perigosa é a pergunta (BRUM, 2006, p. 55 e 56 grifo nosso)

Por sua vez, a crônica *O conde decaído* nasce da observância da autora sobre a decadência da estátua do conde de Porto Alegre, Manoel Marques de Souza. O narrador joga com o tempo, mesclando informações de um passado que abrigou a vida do Conde e de um presente cuja a pedra esculpida na praça já não tem valor nenhum. “Quase ninguém vê, mas está lá. A maior lição sobre a relatividade de poder. A fugacidade da fama. A efemeridade da glória (...) No fim tudo é pó. Esquecimento. E o inconfundível cheiro de urina” (BRUM, 2006, p. 66). Percebe-se que através da construção estética que emparelha tempos se origina a possibilidade de conhecimento sobre a finitude e insignificância humana.

Para finalizar este breve recorte, a crônica *O gaúcho do cavalo de pau* conta a história de Vanderlei Ferreira – *O louco de Uruguaiiana* – que anda na cidade e na principal feira de agronegócio do Rio Grande do Sul em cima de um cavalo de pau. A este texto, Brum se utiliza de uma referência de peso para a história do romance moderno: Dom Quixote de Cervantes. “Talvez seja ele quem ria. Talvez seja uma grande ironia. Ou talvez ainda ele seja um Dom Quixote de bombacha e cavalo de pau em busca de coxilhas de vento de um tempo que, como ele, seja também uma quimera. Talvez” (2006, p. 166). O uso de termos que suscitam a dúvida, a maneira como identifica os diversos discursos das pessoas sobre Vanderlei e, por fim, a entrevista com o próprio louco de Uruguaiiana constroem um ambiente fértil para se pensar o desmonte de verdades absolutas bem como a construção de um olhar ambíguo e relativo sobre a natureza do homem – aqui, encarnado em Vanderlei. E, mesmo que não saiba ler nem escrever e nem tenha lido Cervantes, Vanderlei afirma a Brum saber que seu cavalo é de vassoura, diz que a vida sem invenção é difícil e solta a máxima: “a verdade é que quem acha que eu sou louco não raciocina” (2006, p. 110).

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS TEMPORÁRIAS

Este artigo teve a pretensão de trazer pontos de reflexões gerais sobre a ideia de credibilidade na Epistemologia do Romance dentro do livro de crônicas *A vida que ninguém vê* (2006), de Eliane Brum. Tentou-se, por meio de exemplos de quatro textos específicos, evidenciar que a construção estética de um narrador que conta e ao mesmo tempo pensa a história – seja por interpretações dos fatos por uma ótica existencial, seja por condução intencional reflexiva, ou por jogo com tempos narrativos diferentes bem como recursos da intertextualidade – podem suscitar algum tipo de conhecimento sobre aspectos da condição humana tanto pelo trabalho de elaboração dos textos, quanto pela leitura-pesquisa do leitor.

Evidencia-se esta última assertiva sobretudo pelos relatos da própria autora sobre as cartas que recebia ao longo do processo de escritura da coluna, quando o livro ainda nem era livro. Brum conta que começou mais por intuição do que plano, mas com a intenção de “estimular um olhar que rompesse com o vício e o automatismo de se enxergar apenas a

imagem dada, o que era de senso comum, que fazia com que se acreditasse que a minha, a sua vida fossem bestas” (2006, p. 187).

De acordo com a autora, compreender que a vida ordinária tem o seu extraordinário escondido pela “miopia do mundo” foi uma elaboração posterior. “Foram os leitores que enxergaram a coluna e apontaram para onde eu estava olhando” (2006, p. 188) Tal qual pressupõe o gesto do leitor-pesquisador na Epistemologia do Romance, acessar tais informações acerca do contexto criativo dos textos reforça a ideia de uma credibilidade construída a partir dos pilares do autor – obra – leitor. É importante ressaltar, contudo, que esta experiência em específico fez com que o jogo hermenêutico neste sistema de entendimento fosse potencializado pela participação ativa dos leitores, com a colaboração de histórias e retornos sobre fragmentos (crônicas separadas) do todo que se constituiu o livro posteriormente, expandindo assim, a potencialidade de tocar o outro pelo sensível dos textos bem como levá-lo a refletir sobre o conhecimento contido ali.

Sobre a formulação da credibilidade na Epistemologia do Romance, para finalizar, basta ressaltar apenas que em nenhum momento pretende anular possibilidades outras de compreensão sobre a ideia de crível em textos literários, sobretudo no que tange a denominações diversas dentro da teoria literária. Também não se pretendeu, com estas breves linhas, fundamentar de forma controladora a aproximação dos discursos literários e jornalísticos a partir da obra da Eliane Brum, mas, como foi ressaltado acima, demonstrar a possibilidade da fluidez dos discursos bem como as fronteiras possíveis entre a realidade e a ficção.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. e comentário de Eudoro de Souza – Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda/FCSM da Universidade Nova de Lisboa, 1989

BARROSO, W. Elementos para uma epistemologia do romance. In **Colóquio: Filosofia e literatura, 2003, São Leopoldo**. Unisinos.

BARROSO, M. V. e BARROSO, W. **Estudos epistemológicos do romance**. Brasília: Verbena Editora, 2018.

_____. **Epistemologia do Romance: uma proposta metodológica possível para a análise do romance literário**, 2015. Disponível em: <http://epistemologiadoromance.blogspot.com.br/p/artigos.html> Acesso: 09/07/2016

BARTHES, R. BREMOND, C. GENETTE, G. TODOROV, T. **Literatura e Semiologia: Pesquisas Semiológicas**. – Petrópolis: Vozes, 1972.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. – Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

CAIXETA, A. P. A., BARROSO, M. V. e BARROSO, W. **Verbetes da Epistemologia do Romance** –

Volume 1. Brasília: Verbená Editora, 2019.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário.** 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2011.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptação 96, 242, 243, 248, 249, 250, 251
Ana Miranda 20
Angel Rama 206, 208, 209
Antítese 167, 178, 180, 181
Antonio Candido 95, 139, 140, 145, 146, 206, 209, 210, 212, 213
Apartheid 1, 2, 5, 6, 7, 9
Aproximaciones Biográficas 271
Arquivo 129, 130, 131, 132, 134, 136, 138
Astrid Cabral 167, 168, 169, 171, 182
A viuvinha 74, 75, 77, 82, 84

B

Brasil 16, 17, 18, 19, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 42, 45, 62, 63, 74, 75, 76, 77, 78, 84, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 114, 116, 117, 119, 135, 138, 139, 141, 143, 144, 145, 147, 149, 198, 203, 204, 206, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 216, 232, 236, 250, 279

C

Cabo Verde 147, 148, 149, 154, 156, 157, 158
Com amor, Simon 242, 243, 249, 250
Comunidade de território 159, 160, 161, 163
Conflitos Humanos 231
Credibilidade 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240
Crítica à Igreja Católica 86
Cultura 1, 13, 16, 19, 34, 35, 46, 47, 58, 60, 62, 70, 74, 83, 84, 85, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 118, 123, 125, 126, 127, 128, 131, 144, 145, 148, 149, 158, 163, 164, 165, 167, 169, 210, 216, 221, 224, 251, 257, 261, 263, 266, 272, 273

D

Décio de Almeida Prado 206, 211, 212, 213, 216
Diálogos Literários 147
Dramaturgia 206, 210, 211, 213, 216, 217, 218, 221
Dyonélio Machado 43, 49

E

Edição 17, 50, 51, 89, 106, 107, 109, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 146, 148, 165, 205, 208, 250

Ensino de literatura 139, 141

Ensino de poesia 139

Epistemologia 43, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240

Epistemologia do Romance 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240

Espaço 1, 3, 11, 12, 14, 32, 40, 44, 48, 52, 78, 87, 91, 100, 102, 103, 126, 127, 133, 137, 149, 151, 154, 155, 156, 159, 160, 161, 163, 164, 170, 185, 198, 214, 215, 232, 233, 234, 235, 237, 246, 248

Espaço literário 32, 160

Esperpentos 86, 91, 92, 94

Estética da Recepção 14, 17

Estratégia contradiscursiva 64, 69

Estudos Comparados de Literatura 118, 119

Evangelhos 252, 253, 257, 260

Existencialismo 263

F

Fausto 144, 263, 266, 267, 268, 269, 270

Ficção 1, 9, 10, 11, 13, 17, 20, 29, 37, 42, 63, 66, 74, 75, 76, 82, 84, 96, 99, 142, 189, 208, 231, 234, 235, 236, 240, 242, 250

Folclore 106, 113, 143

G

Goethe 263, 266, 267, 268, 269

Grande sertão: veredas 14, 15, 16, 17, 19

Guimarães Rosa 14, 15, 16, 17, 18, 19, 49, 101, 208

H

Hernâni Donato 32

Herói 36, 45, 51, 54, 55, 56, 58, 61, 64, 65, 68, 91, 104, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 128, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 230, 237

Hilda Hilst 185, 193, 194

História 2, 5, 6, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 29, 30, 32, 36, 42, 44, 53, 55, 57, 58, 62, 63, 64, 65, 68, 69, 73, 74, 76, 82, 84, 89, 93, 96, 104, 105, 113, 114, 124, 126, 127, 128, 130, 131, 138, 140, 150, 151, 157, 158, 159, 161, 165, 188, 201, 209, 211, 216,

224, 232, 233, 235, 236, 237, 238, 239, 249, 250, 251, 252, 253, 257, 258, 259, 261, 266, 269, 270

Homossexualidade 242, 244, 245

Humanização 139

I

Iconotextos 20, 21, 23, 29, 30

Imaginário 13, 96, 107, 118, 120, 124, 125, 127, 128, 149, 150, 161, 217, 218, 220, 222, 270

Indigenismo 95, 99

Inquérito 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117

Interlocução 185, 187, 190, 193, 194

J

Jornais 78, 84, 88, 110, 115, 129, 131, 132, 133, 134, 136, 165, 214, 215, 236

Jornalismo 231, 232, 235, 236, 237, 241

José Craveirinha 159, 160, 161, 163, 165, 166

José de Alencar 74, 75, 76, 77, 212, 215

K

Kiriku e a feiticeira 118, 119, 128

L

Leitura 3, 9, 12, 17, 61, 76, 77, 101, 109, 111, 113, 114, 127, 129, 130, 132, 134, 136, 137, 138, 141, 142, 143, 145, 149, 159, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 212, 234, 238, 239, 244, 248, 249, 250, 281

Lírica 160, 170, 171, 182, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194

Literatura 2, 2, 3, 5, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 30, 32, 43, 46, 48, 49, 57, 58, 62, 64, 72, 74, 76, 78, 82, 83, 84, 86, 91, 95, 96, 98, 99, 101, 104, 105, 110, 117, 118, 119, 124, 128, 129, 130, 131, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 170, 171, 188, 194, 195, 196, 198, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 216, 220, 231, 232, 236, 240, 242, 243, 244, 246, 250, 251, 252, 261, 263, 265, 266, 269, 281

Literatura Comparada 14, 158, 206, 208, 209, 210, 211, 216

Literatura de Recepção Infantil 118

Literatura e História 20, 32, 128

Literatura espanhola 86

Lucien Goldmann 43, 62

M

Mal 37, 38, 51, 87, 89, 94, 120, 121, 122, 123, 124, 132, 138, 143, 174, 223, 226, 230, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 263, 264, 265, 269, 270

Manuel Bandeira 147, 148, 149, 151, 152, 156, 157, 158

Mefistófeles 263, 266, 267, 268, 269

Memória 3, 8, 11, 13, 16, 63, 64, 68, 69, 71, 72, 73, 84, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 138, 165, 187, 193, 194, 195, 223

Meta ficção historiográfica 20

Metáfora 59, 92, 112, 153, 167, 168, 169, 171, 172, 175, 177, 178, 179, 183, 237, 255, 256

Metalinguagem 155, 167, 168, 170, 183

Monteiro Lobato 106, 117

N

Narrativa de tensão 32

Ngungunhane 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73

O

O Homem Decomposto 217, 221

O retrato do rei 20, 21, 29, 31

Oswaldo de Alcântara 147, 148, 149, 151, 152, 154, 156

P

Paulo Freire 43

Periódico católico 74, 79, 83

Poesia 10, 17, 91, 107, 108, 117, 139, 148, 149, 151, 152, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 178, 179, 180, 181, 183, 185, 186, 187, 188, 190, 193, 194, 195, 207, 210, 211, 213, 223, 224, 225, 228

Política Pública 196, 198, 202, 203

Prisão 36, 66, 70, 92, 196, 200, 202, 203, 205, 227

Processo intermediático 20, 21, 29

R

Realidade 1, 3, 6, 8, 10, 18, 20, 25, 28, 29, 32, 40, 41, 45, 46, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 69, 70, 82, 91, 92, 93, 102, 104, 106, 112, 126, 133, 143, 147, 151, 154, 156, 161, 168, 176, 181, 198, 199, 208, 213, 214, 217, 218, 220, 221, 222, 224, 228, 229, 232, 234, 235, 236, 240, 245, 246, 263, 264, 270

Reescrita 64, 252, 254

Renamo 1, 2, 4, 6, 8, 10, 12, 68
Ressocialização 196, 198, 200, 202, 203
Romance adolescente 242, 244
Romance gráfico 252, 253, 257, 261
Romantismo 74, 75, 76, 77, 82, 84, 206, 210, 212

S

Saci Pererê 106, 107, 113
Século XIX 26, 138
Simon vs. a agenda Homo Sapiens 242, 244
Sociologia da literatura 43
Subjetividade 10, 130, 132, 159, 186, 193, 194
Subjetividades 185, 186, 195, 271, 279

T

Teatro Decomposto 217, 220
Tradição 11, 15, 17, 23, 56, 64, 77, 102, 107, 127, 148, 171, 188, 193, 199, 206, 207, 208, 213, 214, 215, 243, 252, 266
Transculturaçãõ 95, 96, 97, 100, 101, 102, 104, 206, 209

V

Valle-Inclán 86, 91, 92, 93, 94
Velhice 14, 16, 18, 19, 268
Violência 1, 8, 12, 34, 36, 50, 51, 53, 55, 56, 59, 62, 126, 211, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261
Voz 3, 7, 11, 13, 18, 49, 52, 62, 75, 93, 96, 97, 100, 111, 114, 122, 124, 125, 126, 128, 148, 160, 163, 168, 169, 171, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 234, 238, 255, 273

Reflexão Estética da Literatura 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020

Reflexão Estética da Literatura 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020